



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI - POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

SIMONE DA SILVA BATISTA

**A MULHER DOS ANOS DOURADOS: UMA ANÁLISE DOS CONTOS *O DECOTE E
MARIDO SANGUINÁRIO* DE NELSON RODRIGUES**

**MONTEIRO
2019**

SIMONE DA SILVA BATISTA

**A MULHER DOS ANOS DOURADOS: UMA ANÁLISE DOS CONTOS *O DECOTE E
MARIDO SANGUINÁRIO* DE NELSON RODRIGUES**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras (Língua Portuguesa) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de licenciada.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof^ª. M^a. Simone dos Santos Alves Ferreira

MONTEIRO

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B333m Batista, Simone da Silva.

A mulher dos anos dourados [manuscrito] : uma análise dos contos *O decote* e *Marido Sanguinário* de Nelson Rodrigues / Simone da Silva Batista. - 2019.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2019.

"Orientação : Profa. Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira, Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Nelson Rodrigues. 2. Mulher na literatura. 3. Mulher e Patriarcalismo. 4. O decote (Conto). 5. Marido Sanguinário (Conto). I. Título

21. ed. CDD B869.3

SIMONE DA SILVA BATISTA

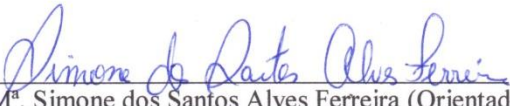
A MULHER DOS ANOS DOURADOS: UMA ANÁLISE DOS CONTOS *O DECOTE E
MARIDO SANGUINÁRIO* DE NELSON RODRIGUES

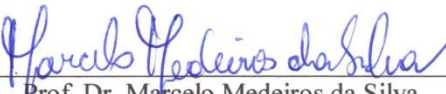
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras (Língua Portuguesa) da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito para
obtenção do título de Licenciada.

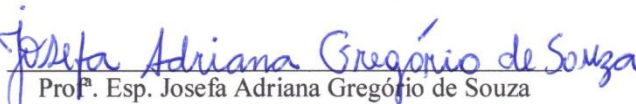
Área de concentração: Literatura

Aprovada em: 12/06/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a M.^a Simone dos Santos Alves Ferreira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Marcelo Medeiros da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a Esp. Josefa Adriana Gregório de Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico aos meus pais Sival e Maria de Lourdes, que sempre me apoiaram e lutaram por esse sonho junto comigo. Ao meu avô Antônio Batista (*In Memoriam*), que com suas palavras sempre me incentivou e desejou que esse sonho se concretizasse. E a minha filha Alícia para que um dia ela percorra os mesmos caminhos que o meu, buscando em seus estudos sua realização.

“Não se nasce mulher: torna-se.”
Simone de Beauvoir

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	7
2.	A CONDIÇÃO SOCIAL DA MULHER NO BRASIL DOS ANOS 50	7
2.1	Algumas considerações sobre Nelson Rodrigues e a representação da mulher em suas obras.....	15
3.	A INFIDELIDADE FEMININA E A INVERSÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO NO CONTO <i>O DECOTE</i>	17
4.	A PAIXÃO AVASSALADORA E INCONTROLÁVEL: O RENASCIMENTO DA PERSONAGEM GLORINHA NO CONTO <i>MARIDO SANGUINÁRIO</i>	21
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
	REFERÊNCIAS	26

A MULHER DOS ANOS DOURADOS: UMA ANÁLISE DOS CONTOS *O DECOTE E MARIDO SANGUINÁRIO* DE NELSON RODRIGUES

THE WOMAN OF THE GOLDEN YEARS: AN ANALYSIS OF THE TALES *DECOTE AND BLOOD HUSBAND* OF NELSON RODRIGUES

Simone da Silva Batista

RESUMO

Este artigo analisa a representação feminina nos contos *O decote* e *Marido Sanguinário* de Nelson Rodrigues. Procuramos refletir a partir das ações das personagens Clara e Glorinha, se há o desenvolvimento do perfil de uma mulher em emancipação numa época não tão favorável ao sexo feminino que era os anos dourados e se essas ações configuram uma evolução para a época quanto às questões de gênero. Utilizamos as considerações de Bourdieu (2012), Bassanezi (2015), Perrot (2007), Del Priore (2006) e Gubernikof (2016), que trazem reflexões acerca da mulher em sociedade, assim como nos valem dos estudos de Waldman (1996) e Boff (1991), os quais discutem a respeito da representação feminina nas obras de Nelson Rodrigues. Além disso, evidenciamos os apontamentos de Louro (1997), que traz um estudo sobre as questões de gênero em sociedade. A análise nos mostra que as personagens Clara e Glorinha, protagonistas dos contos em estudo, transgridem condutas patriarcais, buscando em um meio ainda restrito ao seu sexo, se impor, e fazem isso por meio do adultério quando deixam aflorar seus desejos não se importando mais com normas de submissão e recato.

Palavras-chave: Nelson Rodrigues. Mulher. Sociedade Patriarcal. Família. Adultério.

ABSTRACT

This article analyzes the female representation in the tales *The neckline* and *Blood Husband* of Nelson Rodrigues. We try to reflect from the actions of the characters if there is the development of the profile of a woman in emancipation in an era not so favorable to the female sex and if these actions configure an evolution for the time regarding the gender issues. We use the considerations of Bourdieu (2012), Bassanezi (2015), Perrot (2007), Del Priore (2006) and Gubernikof (2016), which reflect on women in society, as well as Waldman's (1996) and Boff (1991) who discuss female representation in the works of Nelson Rodrigues. In addition, we highlight the notes of Louro (1997) that brings a study on gender issues in society. The analysis shows that the characters Clara and Glorinha, protagonists of the stories in studies, transgress patriarchal conduct, seeking a means still restricted to their sex, to impose themselves, and they do it through adultery when they let their desires come out not caring more with norms of submission and modesty.

Key words: Nelson Rodrigues. Woman. Patriarchal society. Family. Adultery.

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo, a busca por emancipação feminina tem ressignificado os valores sociais tradicionais colocando a mulher num nível de igualdade em relação ao homem quebrando, assim, com estigmas patriarcais enraizados na sociedade desde os tempos mais remotos. Os padrões de gênero que diziam ser o homem o mais forte e capacitado para viver em sociedade, dão lugar a mulheres conscientes do seu lugar como sujeitos sociais, menos frágeis, mais fortes e destemidas. Antes o espaço unicamente oferecido a elas era a casa, privada de qualquer outra tarefa a não ser cuidadora do lar, enquanto o homem vivia livremente para pensar e agir no espaço público. As mulheres eram submissas, não tinham controle sobre sua própria vida, sobre seu corpo e ao casar viviam para cumprir o papel a ela designado, de ser frágil, flexível, dedicada e fiel, enquanto o homem era visto como macho dominador, viril, infiel e inflexível.

Refletindo sobre essas questões, o presente artigo objetiva analisar as representações do feminino na década de 50, caracterizada como “anos dourados”, apresentando um estudo centrado na obra de Nelson Rodrigues intitulada *A vida como ela é*, especificamente, em dois contos: *O decote* e *Marido sanguinário*, analisando as personagens femininas Clara e Glorinha, a fim de perceber em quais aspectos transgredem o ideal patriarcal e em que sentido apresentam uma emancipação do seu papel em sociedade no que se refere à questão de gênero.

É relevante mencionar que as representações sociais da mulher nas obras de Nelson Rodrigues tentam denunciar a sociedade da época que enxergava nas mulheres um ser sem sentimentos, submisso e um objeto de manipulação. Nelson Rodrigues esteticamente realista, em suas narrativas critica essa sociedade, sobretudo o casamento, desconstruindo a imagem de mulher idealizada representando em seus contos uma personagem que foge do seu destino de mãe e esposa, apresentando outra face da mulher. Os conceitos tradicionais de família são comprometidos e a esposa antes repleta de valores morais, passa a ser adúltera. Assim, estabelecemos para nossa pesquisa as seguintes questões: Como é evidenciada nos contos a construção de uma nova concepção de mulher? De mulher frágil a um ser excluído por uma sociedade conservadora, quais fatores levaram Clara e Glorinha ao adultério? O adultério, como ato transgressor, evidencia uma possível emancipação das personagens no conto? Podemos dizer que o narrador em Nelson Rodrigues enuncia uma representação de gênero quando traz personagens que fogem do padrão tradicional?

A partir desses questionamentos passemos a tecer considerações sobre a condição da mulher na década de 1950, a representação dessas mulheres nas obras rodriguianas, para em seguida, adentrarmos na discussão sobre gênero a partir de Louro (1997) e, por fim, a análise dos respectivos contos.

2. A CONDIÇÃO SOCIAL DA MULHER NO BRASIL DOS ANOS 50

A posição imposta pela sociedade conservadora para a mulher nos anos 50, este conhecido como anos dourados, revelou o quão antigo é o estigma de mulher idealizada, reforçando uma hierarquia do masculino em relação ao feminino. Conforme Bourdieu (2012), a mulher era um ser com o destino já predestinado, deveria viver em constante dominação, e serem sorridentes, submissas, simpáticas, atenciosas. O modelo tradicional masculino requer do homem frieza, opressão, poder, força, virilidade, superioridade, tanto física quanto intelectual. Estes eram preparados para se tornarem agressivos, competitivos, intolerantes com qualquer manifestação de sentimentos e emoções. Não querem ser chamados de “fracos”, nem

tampouco manifestar algum comportamento que lembre a fragilidade das mulheres. Segundo o autor, há uma hierarquia imposta pela sociedade em que o feminino se manifesta no lado inferior. Essa expressão de inferioridade se estabelece em decorrência do pensamento simbólico que apresenta ao homem um poder supremo.

Culturalmente, essa posição intitulada às mulheres, se reproduz por meio de comportamentos irrefletidos, aprendidos histórica e socialmente nas instituições como igreja, escola, família e Estado. Essas instituições contribuem diretamente para a opressão masculina sobre a feminina, não estando relacionado à diferenças biológicas qualificadas por sexo existentes entre macho e fêmea, mas sim ao universo onde as inter-relações socioculturais são determinadas por fatores como leis, regras e patriarcalismo. O ser masculino, desde tempos passados, exerce sua superioridade e dominação sobre a mulher, o sexo dito frágil, criando assim uma sociedade machista e puramente patriarcal, onde as mulheres foram criadas para assumir o papel fundamental de mães, reprodutoras e donas do lar.

De acordo com Bassanezi (2015), mesmo com o fim da Segunda Guerra Mundial e com o crescimento e modernização dos centros urbanos, os papéis femininos e masculinos dentro da sociedade continuavam definidos. A mulher ainda era cercada de preconceitos e submissa ao homem em todos os campos: social, moral, familiar, como um ser inativo dentro da sociedade. As revistas femininas da época como *Jornal das Moças*, *Querida*, *Vida Doméstica* etc., usavam de imagens e de assuntos que divulgavam o modelo de família a ser seguido. As mulheres eram aconselhadas nessas revistas como deveriam se comportar, para que, assim, obtivessem um bom casamento e cumprissem seu “destino natural” para a maternidade e para os afazeres domésticos:

Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar fazia parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação. A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse seus caminhos estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes (BASSANEZI, 2015 p.609-610).

A mulher tinha por natureza e sem contestação, um destino já traçado: cuidar do lar, dos filhos e do marido, não tinha liberdade alguma, não tinha voz para impor suas condições e sua felicidade era sinônima da dependência masculina. Já o homem era caracterizado pelo trabalho, força e agressividade. Ele quem sustentava a casa, determinava tudo o que deveria acontecer no seu lar e com sua esposa. Ser homem na década de 1950 indicava ocupar uma posição de liberdade, autoritarismo e força. Considerando então essas implicações, podemos observar que a posição designada para as mulheres da época, era regida de preconceitos e limitações.

Conhecer o bom comportamento dessas mulheres de acordo com Bassanezi (2015) mostrava que elas pertenciam a uma boa família, como o comportamento do homem apontava sua virilidade, e o cumprimento do seu papel masculino:

A moral sexual dominante nos anos 50 exigia das mulheres solteiras a virtude, muitas vezes confundida com ignorância sexual e, sempre, relacionada à contenção sexual e à virgindade. Em contrapartida, relações sexuais dos homens com várias mulheres não só eram permitidas, como frequentemente incentivados (BASSANEZI, 2015, p. 613).

Em outras palavras, a mulher desde cedo devia contentar-se com as limitações que a sociedade lhe impunha, estas deveriam ter cuidado com o seu corpo, com o seu modo de comportar-se, e com os artifícios utilizados no momento de conquistar os rapazes, pois

qualquer desvio de comportamento indicava a má conduta da moça. Já para o homem “tudo” era permitido: ter relações extraconjugais, expor a sua masculinidade. O espírito de aventura indicava sua virilidade, enquanto que as moças tinham que ter cuidado com esse momento de conquista, pois podiam manchar sua imagem a qualquer momento, como Bassanezi (2015) expõe:

[...] “não casar” significava fracassar socialmente, às moças era permitido utilizar artifícios pouco explícitos para atrair um pretendente: estimular sua vaidade, estar sempre de bom humor, vestir-se bem e como “ele” gosta, ser ao mesmo tempo amável e indiferente, interessar-se pelo seu trabalho ou passatempos, elogiar sua inteligência e mil outras maneiras sutis para conquistá-lo (BASSANEZI, 2015, p. 614).

Nesse sentido, até no momento da paquera, a mulher se submetia ao homem, tinha que preocupar-se em agradar-lhe. Elas eram orientadas a não permitirem nem um tipo de liberdade, nem deixarem ser influenciadas pelos seus desejos. Não importava o que as elas sentiam, elas tinham normas a serem seguidas e uma moral a ser preservada, se não mantivesse seu respeito e se fugisse dos padrões impostos pela sociedade, seria julgada como leviana.

Corroborando as considerações de Bassanezi (2015) refletimos a partir de Bourdieu (2012), quando assevera que a ideia de dominação masculina sobre a mulher acontece inconscientemente. A repetição sem perceber, torna inerente da mulher esse poder dominante. A sociedade “naturaliza” comportamentos, que acabam legitimando o poder simbólico como um poder invisível, existente entre o homem e a mulher. De acordo com o autor, as instituições tais como Estado, família colaboram na relação de dominação e determinam comportamentos, impõem regras, valores que são abstraídos inconscientemente. As rotinas corporais e mentais são absorvidas em forma de esquemas inconscientes e reproduzidos socialmente através da linguagem e do nosso pensamento acerca do outro. Como vemos nesse trecho:

[...] Quanto mais eu era tratada como uma mulher, mais eu me tornava mulher. Eu me adaptava, com maior ou menor boa vontade. Se acreditavam que eu era incapaz de dar marcha à ré, ou de abrir garrafas, eu sentia, estranhamente, que me tornava incompetente para tal. Se achavam que uma mala era muito pesada para mim, inexplicavelmente, eu também achava que sim. (BORDIEU, 2012, p. 77).

Isso nos mostra o quanto o poder de dominação masculina servia para pressionar a mulher, pois mesmo que tentassem ser ou pensar contrariamente ao que a época evidenciava para o seu sexo, logo, recuava, já que certos conceitos estavam tão enraizados que mentalmente a mulher já se sentia inferior ao homem, era-lhe incrustado uma dependência desde o nascimento fazendo com que aquela condição se naturalizasse.

Bourdieu (2012) aponta que a dominação masculina define a mulher como objeto simbólico, a qual se atrela a uma dependência em que as mulheres existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros. Delas se esperam que sejam “femininas” com todas as qualidades que uma mulher deve ter, sorridentes, atenciosas, submissas, discretas, e até mesmo apagadas. É o que o autor chama de “feminilidade”, sendo uma forma de engrandecer o homem que apresenta características opostas a esse perfil, seu ego é elevado através dessa relação de dominância. Assim, as mulheres atingem um nível de alienação simbólica diante da sociedade ocasionada por essa naturalização de comportamentos e desse poder dominante, determinando nas mulheres que seu existir é apenas para o outro, somente esse é seu papel.

De acordo com Perrot (2007), pouco se falava das mulheres, elas eram invisíveis, pouco vistas, a autora destaca como é difícil contar a história delas, sendo que se têm poucas

fontes, vestígios, documentos. Sua presença é apagada, desfeita. Até porque o papel significativo é o do homem, as mulheres eram vistas como ameaça, e precisavam se manterem em silêncio, sem autonomia, passivas, para manter sua postura dentro da sociedade. Elas viviam em um mundo proibido onde suas funções já eram delimitadas antes do nascimento.

Quanto ao casamento, era "arranjado" pelas famílias e tinha por propósito atender interesses, não havia preocupação com o amor, com o que a mulher desejava para sua vida, muito menos com o tipo de homem que ela escolheria para viver ao seu lado. Seus desejos e escolhas eram reprimidos.

De acordo com Bassanezi (2015), as mulheres dos anos 50 eram envolvidas pelo romantismo:

Nada de paixões, que violem as leis da moral e da ordem. O amor só seria aceitável se não rompesse com os moldes convencionais de felicidade ligada ao casamento legal e à prole legítima. A abnegação poderia fazer parte do amor feminino, o deslize passionai nunca.

[...] a paixão, por outro lado, é o amor impossível, loucura passageira ou efervescência do juízo, sentimento insensato que jamais poderá se concretizar numa união legal (BASSANEZI, 2015, p. 618, **grifos da autora**).

Dessa maneira, observando as considerações sobre o amor e a paixão, apontados por Bassanezi (2015), vale ressaltar o quão seria difícil para as mulheres dos Anos Dourados manterem um casamento, em que muitas vezes não existia sentimento algum, e nem ao menos poderia expor suas paixões, conter os sentimentos seria preservar a sua imagem, nutrir sentimentos desse tipo poderia expor a mulher a julgamentos morais.

As distinções entre os papéis femininos e masculinos, entretanto, continuam nítidas; a moral sexual diferenciada permanecia forte e o trabalho da mulher, ainda que cada vez mais comum, era cercado de preconceitos e visto como subsidiário do homem, o "chefe da casa". Se o Brasil acompanhou, à sua maneira, as tendências internacionais de modernização e de emancipação feminina – impulsionada com a participação de mulheres no esforço de guerra e reforçada pelo desenvolvimento econômico –, também foi influenciado pelas campanhas estrangeiras que, com o fim da guerra, passaram a pregar a volta das mulheres ao lar e aos valores tradicionais da sociedade (BASSANEZI, 2015, p. 608).

O casamento, o cuidado com o lar e a dedicação aos filhos eram o perfil que rodeava as mulheres dos anos dourados, ao romper com esse destino, essa mulher também estaria indo contra a sociedade. Mesmo com o processo de progresso no Brasil, e tentando seguir as tendências internacionais de modernização, a família patriarcal lutou para que os papéis masculinos e femininos não fossem ressignificados. O homem deveria continuar na posição de dominante e, entre outros pontos, o adultério feminino continuava sendo o ápice do desvio de conduta da mulher.

Conforme Del Priore (2006):

o amor como estímulo para o casamento parece ter ocupado lugar de menor importância, aparecendo como consequência da vida cotidiana. Nos testamentos paulistas são mais comuns as referências à estima, à dedicação e à gratidão do que realmente amor, como o definimos em nossos dias. Entre ricos, a condição a que estava sujeita a mulher, com estreitas oportunidades de vida social, dificultava maior participação na escolha do par. Os raros contatos que precediam a cerimônia não ajudavam. (DEL PRIORE, 2006, p. 165).

Mais adiante a autora destaca o quanto era difícil para essas mulheres viverem uma vida conjugal, em que as escolhas não eram suas e que o amor não existia, não havia qualquer forma de contato sexual visando o prazer.

Homens e mulheres jamais estão próximos. Não há sinal de intimidade. O decoro exigia a separação dos corpos. A discrição era a norma. A felicidade conjugal não decorria do relacionamento entre marido e mulher, insistem historiadores, mas do atendimento de necessidades práticas das quais o casal era um simples instrumento. [...] O risco de um amor fora do matrimônio levou um viajante a prever: ‘Se os homens e mulheres casam-se com quem não amam, eles amarão aqueles com quem não se casam’. (DEL PRIORE, 2006, p. 175).

De acordo com o pensamento da autora um dos motivos que levavam a mulher ao adultério seria o fato de casar sem amor, e sobre um condicionamento da sociedade quanto a sua postura. Isso a levaria a buscar prazer fora de casa. Ainda pontua que:

Embora não haja estatísticas sobre o assunto, é de se supor que as relações extraconjugais fossem correntes depois do casamento. O adultério perpetuava-se como sobrevivência de doutrinas morais tradicionais. Fazia-se amor com a esposa quando se queria descendência; o restante do tempo, era com a outra. A fidelidade conjugal era sempre tarefa feminina; a falta de fidelidade masculina vista como um mal inevitável que se havia de suportar. E sobre a honra e a fidelidade da esposa que repousava a perenidade do casal. (DEL PRIORE, 2006, p. 195).

A repressão constante sobre a mulher e seus sentimentos, levava à submissão de um casamento infeliz e infiel, em que o homem preservava sua postura de homem “macho” que por natureza e, por consequência, do que a sociedade esperava, mantinha-se infiel a sua esposa, mantendo-a como um “objeto” apenas para o seu lar, com desejos e vontades inibidos pela sociedade. Sua postura doce, honesta e fiel era o princípio adequado para enxergá-la como uma mulher exemplar.

A sociedade contou com a ajuda de outros poderes para deixar claro o verdadeiro “destino” das mulheres, não poderia haver qualquer desvio de conduta, que afetasse a moral familiar, essa repressão por conta da igreja, trouxe outros princípios que deveriam ser seguidos pelas mulheres da época.

[...] A Igreja e o Estado ajudaram a reprimir e a reforçar o que já estava imposto à mulher dentro da família patriarcal. [...]. Porém, mais do que a Igreja, foi a família que reproduziu os principais valores religiosos da época: moralismo e autoritarismo. Por meio da preservação dos valores religiosos na família justificava-se a unidade familiar e sedimentava-se a sua hierarquia, centralizando comportamentos que definiam a posição da mulher dentro da sociedade. Partindo dos preceitos criados pela Igreja, como a preservação da família, o temor a Deus e à Pátria, a família brasileira reproduziu traços de dominação como o autoritarismo, a preponderância do homem, a repressão sexual, a crença no casamento eterno, preceitos que defendiam a instituição familiar e que ajudavam na defesa da propriedade privada. Em contrapartida, a Igreja contribuindo teoricamente para o conservadorismo da família, transformou a mulher num “baluarte” de resistência às mudanças, retardando o processo evolutivo da sociedade, com a mistificação da consciência feminina. Na aparente integração social da mulher esconde-se a sua marginalização [...]. (GUBERNIKOFF, 2016, p. 30).

Depois de todo esse condicionamento imposto para a mulher, elas passaram a aceitar esses estereótipos patriarcais de si mesmas e começaram a se enxergar com o olhar masculino. A Igreja com o seu poder de persuasão, principalmente no âmbito familiar, conseguiu reforçar

o autoritarismo e o moralismo sobre as mulheres, levando-as cada vez mais para o caminho da dominação masculina.

Conforme Del Priore (2006, p. 232) “o século XIX abriu-se com um suspiro romântico e fechou-se com o higienismo frio (...) reprimiu o sexo, mas foi por ele obcecado. Vigiava a nudez, mas olhava pelos buracos da fechadura. Impunha regras ao casal, mas liberava os bordéis”. Tratando-se da hipocrisia, esse século escondeu os desejos mais proibidos para manter a harmonização das famílias, foi um século plenamente de mercado matrimonial, em que a maior preocupação era a vontade das famílias. O pudor obsessivo fazia parte do imaginário das mulheres, estas mal poderiam conhecer o seu corpo, por isso usavam roupas que não deixavam à mostra partes do seu corpo, qualquer interpretação equivocada de suas condutas eram punidas. Tratava-se de esconder desejos, sentimentos e sua própria personalidade para caber no perfil que desejavam para si.

As transformações que dispuseram sobre o século XX são apresentadas pela autora como um século de transição e modernização, principalmente, para as mulheres, é um momento de revolução gradativa dentro da sociedade.

[...] se libertar da influência da religião, da família, da comunidade ou das redes sociais estabelecidas pelo trabalho. [...] E as mulheres — essa é de fato uma mudança — começam a dizer cada vez mais “não”. Gradativamente, também, o be-a-bá do casamento muda. Os casais começam a se escolher porque as relações matrimoniais tinham de ser fundadas no sentimento recíproco. O casamento de conveniência passa a ser vergonhoso e o amor... bem, o amor não é mais uma ideia romântica, mas o cimento de uma relação.” (DEL PRIORE, 2006, p. 242).

Podemos observar através das palavras da historiadora o quanto esse século trouxe mudanças para a sociedade. Encontramos um desejo de libertação e uma ousadia em tentar novos comportamentos rompendo com as relações patriarcais definidas. Aos poucos, o que antes era definido toma novos questionamentos, levando o homem e a mulher a fazerem suas escolhas sem precisar ser marcado pelo que uma sociedade regida de autoritarismo e moralismo defendia. O amor começa a ser visto como um sentimento que sustentava a relação, e não apenas como uma ideal longe da realidade. Tratava-se de um século de transformações.

Vale ressaltar que com o passar dos anos, com todas as mudanças ocorrendo, a mulher continua sendo objeto de dominação masculina, pressionada a viver o que não era de sua escolha. O pudor continuaria existindo, as mulheres não podiam sentir desejos, fantasias e expor esses sentimentos. Deveriam ficar no seu íntimo, sem poder vivenciar o que sentiam nem ao menos com os seus maridos, acabando por vezes florescendo nelas o desejo pelo proibido, o encantamento pelo que não viviam, trazendo para elas consequências, que os homens já não sentiam. Apoiado na tradição machista, o homem cometia crimes passionais ao cometer adultério e a mulher era punida severamente, pois se seguia a tradição no que se refere à ideia de que a honra manchada devia ser lavada com sangue.

Assim, com as transformações advindas das mudanças socioeconômicas, e a industrialização por que o país vinha passando, mesmo ainda em meio à repressão, as mulheres lutavam por um lugar na sociedade, em busca de direitos e representação. Quanto ao amor, este era apresentado de modo que deveria continuar sensato, coberto de razões, sem qualquer traço de loucura, “O amor verdadeiro e digno era feito de juízo. A paixão [...] era loucura passageira, impossível [...]” (DEL PRIORE, 2006, p. 309). Essa paixão descrita pela autora, é que leva a mulher a cometer o adultério como fuga da sua realidade, ela busca no prazer uma libertação de uma vida aprisionada. Apesar da “condenação”, as mulheres insistiam na infidelidade como realização de seus desejos.

Nos anos dourados, o adultério feminino já estava mais presente no meio das famílias. As mulheres já não tinham tanto receio como antes. A libertação sexual traz consigo a vontade de viver o prazer, este que muitas vezes foi escondido. Assim, a família começa a tomar outros papéis, ainda com a herança patriarcal, mas já com outra vestimenta, homem e mulher já ouviam mais seu coração. A infidelidade feminina significava a quebra da hierarquia de gênero, pois o corpo feminino deixava de pertencer apenas ao marido, apresentando uma livre escolha para viver sua sexualidade.

Só depois da Segunda Guerra Mundial, após alguns movimentos feministas por volta da década de 1960, é que as mulheres começaram a aparecer em nossa história, deixando de invisíveis. Começava então, a luta pela inserção delas no mercado de trabalho. Aquelas que antes eram vistas como a “rainha do lar”, desejavam novos campos fora do que havia sido delimitado a elas. A partir desse processo de relativa emancipação, houve um aumento da mão de obra feminina nas áreas urbanas e, com isso, a mulher começou atuar na sociedade, abalando a estrutura familiar. Surgia uma época de transformações sociais, mas, ainda assim, regida de preconceitos e limites para as mulheres.

De acordo com Louro (1997), as escritas dos anos 60 tiveram como objetivo mostrar quem mais tinha sido encoberta durante anos: a mulher. A autora destaca em seu texto que: “Tornar visível àquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito [...]”. (LOURO, 1997, p. 17).

Durante tempos a mulher foi mantida apenas numa esfera social, a esfera doméstica, elas eram “apagadas” da sociedade, sujeitas de todo um discurso que as tornava um ser feminino passivo e submisso. Mas gradativamente isso foi mudando, através de movimentos, de participações dessas mulheres no mercado de trabalho causando uma ressignificação dos papéis antes tão bem definidos.

Ao falar de papéis vale discorrer o que a autora traz em seu texto sobre essa desigualdade de gênero.

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestida por uma linguagem “científica”, a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender — e justificar — a desigualdade social. (LOURO, 1997, p. 20-21).

Esta diferenciação de gênero pelo sexo, masculino e feminino, encontra-se diretamente relacionada à forma como as pessoas concebem os diferentes papéis sociais e comportamentais relacionados aos homens e às mulheres. Estabelecem padrões daquilo que é “próprio” para a mulher como também para o homem, de forma a reproduzir regras como se fosse um comportamento natural do ser humano, originando condutas e modos únicos de se viver sua natureza sexual.

É necessária uma desconstrução da oposição masculino/feminino que se apresenta útil também para desmontar essa lógica binária. Nesse processo de desconstrução, é necessário atentar para o fato de que o oposto da igualdade é a desigualdade ao invés da diferença.

[...] Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. O sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa

perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições “fabricam” os sujeitos [...]. (LOURO, 1997, p. 24-25).

O gênero, segundo a autora, é constituinte da identidade dos sujeitos e sobre isso destaca que as identidades de tais sujeitos não podem ser entendidas como fixas e estáveis, como essências. “Ao contrário, são atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, construindo os sujeitos como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais.” (LOURO, 1997, p.28).

Entender gênero como algo inutável é permanecer num conceito que sabemos que se transforma frequentemente dependendo das diferentes situações sociais que o sujeito está inserido. Reduzir gênero ao conceito de mulher e homem é uma atitude simplista, pois são várias as categorias ou estruturas (raça, etnia, classe, gênero), que devem ser consideradas ao analisar gênero.

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder. (LOURO, 1997, p.41).

A autora traz em seus estudos uma revisão do conceito de gênero, na intenção de nos mostrar o quanto a mulher era desqualificada apenas pela sua condição de gênero, as desigualdades se davam em todos os campos por conta do discurso e da forma de definir os papéis dos sujeitos. De princípio, a diferença entre os gêneros estava relacionada às distinções biológicas, o que serviu para explicar as diversas diferenças entre o homem e a mulher, como “[...] indicar diferentes habilidades sociais, talentos ou aptidões; para justificar os lugares sociais, as possibilidades e os destinos “próprios” de cada gênero. O movimento feminista vai, então, se ocupar centralmente dessa diferença — e de suas consequências” (LOURO, 1997, p. 45).

Como visto em Louro (1997), gênero refere-se ao modo como as diferenças sexuais são compreendidas numa dada sociedade, num determinado grupo, em certo contexto. Ou seja, quer dizer que não é propriamente a diferença sexual de homens e mulheres, que apresenta as questões de gênero, e sim a maneira como ela é representada na sociedade através do modo de falar, pensar ou agir sobre o assunto.

Diante de tais afirmações sobre “gênero” e sua multiplicidade de representações, vale ressaltar o quanto é importante conhecermos sobre esse determinado conceito, para entendermos que a desigualdade dos gêneros vem percorrendo e acompanhando a mulher por muito tempo, e que não se trata apenas de uma diferenciação dos sexos, vai além, vem todo um discurso, todo um contexto, e diversas justificativas a fim de mostrar que a mulher deve ser sempre colocada numa hierarquia de desigualdade.

Louro (1997) nos apresenta uma nova perspectiva para observarmos o homem e a mulher. Nascermos com distinções biológicas e já inerentes, mas é com o passar do tempo, e através da nossa identidade como sujeito, que nos tornaremos homens ou mulheres. É necessário desconstruir essa superioridade do gênero masculino sobre o feminino, na direção de uma igualdade política e social, que inclui não somente o sexo, mas também a classe e a raça. Por isso, é necessário desconstruir os papéis femininos e masculinos, pois há diferentes formas de ser mulher e ser homem em nossa sociedade.

O termo gênero ainda não é suficiente para explicitar as formas como se constrói em sociedade a dominação masculina, nem as razões que legitimam as diferenças entre o papel

social de homens e mulheres. Podemos afirmar que são diversos os fatores sociais que levam a sociedade a definir o conceito de gênero num determinado momento.

2.1. Algumas considerações sobre Nelson Rodrigues e a representação da mulher em suas obras

Nelson Rodrigues nasceu em Recife, no estado de Pernambuco, em 23 de agosto de 1912. Durante 10 anos escreveu sua coluna *A vida como ela é...*, para o jornal *Última hora*.¹ Os assuntos tratados na coluna eram corriqueiros e os mais diversos, o cenário era o Rio de Janeiro da década de 50, e o centro das observações era a família burguesa da época.

Crítico e de uma imaginação aguçada, Nelson Rodrigues trazia em seus escritos uma observação profunda da sociedade. As mulheres eram as principais personagens presentes na coluna *A vida como ela é...*, os devaneios da família burguesa, os casos ocorridos nos subúrbios cariocas, as relações extraconjugais, o casamento, o amor e o desejo, faziam parte daquilo que o autor escrevia diariamente. Waldman (1996) pontua que:

Nos anos 50, Nelson Rodrigues passa a publicar uma crônica diária no jornal carioca Última Hora, a série A Vida como Ela É... e nela começa a desfilar um elenco de jovens desempregados, comerciários e "bamabés", tendo como cenário a Zona Norte do Rio de Janeiro, onde viviam, o Centro, onde trabalhavam, e, esporadicamente, a Zona Sul onde iam para prevaricar. Aí pululavam as histórias tristes de sedução e adultério que transformam Nelson Rodrigues no jornalista mais popular do Rio de Janeiro. (WALDMAN, 1996, p. 162).

O autor conseguiu reunir em seus contos o cotidiano carioca de maneira realista. Tratar das mazelas da sociedade de 1950 era "denunciar" os subentendidos, os devaneios, a infidelidade, as mentiras, e tudo isso chamava a atenção do leitor, que já não se interessava tanto pelos romances com finais já conhecidos, mas aguçava seus pensamentos os folhetins repletos de cenas realistas e exacerbados do "proibido" e "imoral".

De acordo com Boff (1991), a preocupação de Nelson Rodrigues não era denunciar as opressões vividas pelas mulheres da época, como muitos outros autores faziam, sua preocupação maior era representar a mulher em todas as suas faces:

É nesse sentido que a mulher rodriguiana consegue representar as mulheres de seu tempo. Sem denúncias, cobranças, queixumes, ela é a mulher com todas as manhas e artimanhas de seu sexo, com todas as latências e frustrações que sabe sentir. Ressaltada em uma ou outra face, predominando num plano ou outro, mantém-se única em sua dimensão final. É, por assim dizer, a mulher universal, que se esconde atrás de cada personagem feminina, dando-lhe estrutura para se destacar na "diferença". (BOFF 1991, p. 4).

Nesse sentido, o autor dedica-se a expor a mulher como centro da sua escrita, seja através dos contos, folhetins, peças teatrais etc., não aquela mulher que caminha de acordo com o que a sociedade da época impõe, mas, a mulher que foge dos padrões e das normalidades exigidos. A figura feminina é liberta, cheia de fantasias, de sonhos, mesmo que apenas dentro de si, a mulher Rodriguiana busca viver todos os desejos reprimidos, e são esses desejos que, na maioria das vezes, leva-as a um final trágico.

As mulheres em Nelson Rodrigues eram marcadas pelas paixões devastadoras, que conduziam as mesmas a terem desvios comportamentais, e acabavam traçando outro perfil

¹ RODRIGUES, NELSON. **A vida como ela é...**: O homem fiel e outros contos. Seleção Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

feminino em contradição ao perfil patriarcal da época. Vejamos a seguir o que aponta Boff (1991):

A frustração feminina, como consequência da sociedade machista brasileira e da decadente família patriarcal, recebe do autor as mais variadas nuances. É importante observar que, ao traçar o perfil da mulher, Nelson Rodrigues estava delineando também o perfil da família de classe média brasileira dos anos 50, cuja degradação progressiva até nossos dias confere a sua obra grande atualidade. (BOFF 1991, p. 12).

De acordo com o autor supracitado, Nelson Rodrigues protestava em suas obras contra a hipocrisia social, por tratar-se de um autor eclético, e que não se prendia ao que a sociedade ditava. Eram através de seus contos, folhetins, peças teatrais etc., que ele trazia a tona o que a sociedade burguesa encobria, o autor era inovador e não temia a crítica, nem tampouco como denominassem suas obras. Suas personagens se despem de corpo e alma, rompem as regras impostas pela sociedade que prega o bom comportamento feminino por uma questão de bons costumes, de aparência, de família normal, elas não têm medo de ser mulher para o homem que ama.

A mulher ainda possuía uma voz quase inexpressiva a época da dramaturgia rodriguiana. Em nosso país apenas obras esparsas de "escritura feminina" pontilhavam a literatura. Nelson Rodrigues não pode, obviamente, ser considerado um desbravador e muito menos um profundo estudioso do feminismo no Brasil, mesmo porque, no tempo em que escreveu suas peças, 'ainda não haviam sido queimados os sutiãs em praça pública'. (BOFF, 1991, p. 176).

Na década de 50, a escrita sobre a mulher ainda era escassa, poucos estudiosos tratavam do assunto, e falando em escritos de autoria feminina, poucas tinham espaço na sociedade. Mas apesar disso, mesmo que Nelson não tenha sido tão revolucionário em defesa da mulher, este traz em suas obras uma mulher que está se descobrindo, que busca encontrar seu espaço social, que luta por uma realização pessoal, uma mulher que busca um olhar da sociedade para si, que deseja encontrar seu lugar. Nelson não apresenta uma mulher emancipada, mas traz um perfil feminino que busca isso, que tenta se apresentar como uma nova mulher que vai surgir.

De grande mito ou figurante no teatro de então, a mulher rodriguiana aparece como dona de seu próprio papel, com a relevância exata de seu desempenho social e familiar, como um ser realmente existente, sem a grandiosidade exagerada e inatingível dos mitos, tampouco anônima e insignificante como os figurantes. (BOFF, 1991, p. 176).

Será essa mulher dos contos de Nelson Rodrigues, cheia de insatisfação e indignação que lutará para conquistar tudo que deseja. A infidelidade feminina, fato proibido na família patriarcal, torna-se comum nas obras do autor, ele é "compreensível" a esse acontecimento, indo contra outros autores de sua época, pois sua obra constituiu-se num protesto contra a hipocrisia social. O narrador via na infidelidade feminina, uma justificação pela insensibilidade masculina. "No início deste século, em meio a guerras e revoluções, era deplorável a condição feminina. Ignorada, incompreendida, desamada, essa mulher – muda e impotente – descobre, por meios escusos, o caminho do amor – e trai". (BOFF, 1991, p. 180-181).

A infidelidade (feminina, no caso) é um elemento a mais, causador da desagregação familiar e dos finais trágicos, todavia até pintado com certa benevolência pelo autor. Mais do que a traição em si, é ressaltada a "matéria-prima" de que ela se constitui – a frustração feminina, as latências, os conflitos, o desafeto – a temática da alma da mulher, enfim, conturbada e misteriosa, originando não só traições, como suicídios, crimes, etc.. (BOFF, 1991, p. 181-182).

Segundo o autor, sabia-se que as famílias brasileiras da década de 50, encobriam os “defeitos” existentes para permanecerem como “famílias felizes”. A infidelidade foi mais uma causa para quebrar os tabus, e apresentar a verdadeira família patriarcal brasileira, a mulher foi que trouxe a tona os desvios comportamentais, causando uma repulsa em toda sociedade, o adultério nada mais era do que suas frustrações, seus medos, seus anseios, todos obrigatoriamente escondidos pela sociedade.

Nelson Rodrigues constrói uma mulher cheia de atributos, marcada pelo mistério, pela imaginação e também pela frustração, características de grande importância para compreendê-la.

Junto à sensualidade e ao erotismo, encontramos características externas como a beleza, a juventude, os quadris estreitos, a sobriedade das roupas a completar essa pseudo-moldura com que o autor envolveu suas personagens. A infidelidade feminina constitui-se, por fim, numa metáfora básica, reiterada em várias peças, sintetizando meta linguisticamente um dos suportes para o tripé onde foram calçados os demais atributos das mulheres rodriguianas, (BOFF, 1991, p. 182).

De acordo com Boff (1991), Nelson Rodrigues representou em suas obras a mulher como uma protagonista de sua história, que apresenta sua verdadeira face, que denuncia suas angústias e frustrações. Encontramos uma figura feminina em Nelson Rodrigues, mais sensual, com seus desejos a florando, diferente da mulher “invisível” da sociedade patriarcal. Nas suas obras, essa mulher foge dos padrões definidos pela sociedade, busca o prazer, a satisfação, a contemplação do seu eu, sua realização pessoal.

3. A INFIDELIDADE FEMININA E A INVERSÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO NO CONTO *O DECOTE*

O conto *O Decote* relata a história de Clara e Aderbal que são casados há quinze anos e tem uma filha. Aderbal na lua de mel deixa Clara sozinha e vai se divertir com amigos chegando completamente bêbado em casa, deixando-a decepcionada. Após o nascimento da filha, o marido antes com atitudes de dominação age com toda serenidade e adoração com a mulher, mas com o passar do tempo sua atenção volta-se apenas para a pequena Mirna, deixando a esposa mais uma vez “abandonada”. Essa atitude transformou Clara em uma nova mulher, com desvios de conduta, comportamentos contrários ao que sociedade esperava de esposa e mãe, usava decotes, saía frequentemente para festas e não se importava com a casa. Há um tempo tinha tido um confronto com a sogra, que tinha jurado não voltar mais a casa do filho, mas com dois anos depois voltou para abrir os olhos do filho quanto ao que a nora vinha fazendo.

Chegou de surpresa. A nora, que não gostava da sogra perspicaz e autoritária, torceu o nariz. Já o filho, que a respeitava acima de tudo e de todos, precipitou-se, de braços abertos, trêmulo de comoção. (RODRIGUES, 1992, p. 57).

A nora aparentemente jovem e bela contrasta com o perfil conservador e severo que as mulheres casadas deveriam possuir na época, segundo Dona Margarida “uma mãe enérgica, viril, à antiga” (RODRIGUES, 1992, p. 57). Considerando a beleza da jovem como um sério problema a ser combatido com rapidez, “indispôs-se com a nora, cuja beleza a irritava, e cortou o mal pela raiz” (RODRIGUES, 1992, p. 57). Pelo fato, do título do conto ser *O decote*, pode-se deduzir que a beleza da nora está voltada para o uso de roupas mais chamativas e que realcem ou embelezem sua aparência. E provocam na sogra um desprezo por esse perfil feminino que se apresenta na nora.

Nesse sentido, ao observarmos à conduta de Dona Margarida diante de Clara, a sogra apresentava um repúdio à conduta de sua nora, a forma que Clara tinha vivido, as roupas exageradas, a sua fuga como mãe e esposa, esses comportamentos foram motivos de toda intriga e mesquinha que a sogra tentou praticar na vida do casal. As mulheres, por muito tempo, foram aprisionadas no lugar da mãe, da santa e da esposa. Daí, ao apresentarem outro perfil causa repulsa numa sociedade conservadora cercada de valores patriarcais.

Clara demonstrava ser uma mulher bastante sedutora e provocante sob a ótica da sogra. É justamente aquela sogra, “sem papas na língua, a exasperava” (RODRIGUES, 1992, p. 57), que nutre um desdém invejoso, que chega a ser rancoroso por Clara, devido à sua beleza jovem e sensual, que luta para colocar o filho contra a nora para impor limite ou condenar tal postura de sua esposa. A atitude de Dona Margarida ainda pode ser pensada como a representação da sociedade patriarcal, pois de alguma forma enseja a crítica em torno da década de 50, a qual tenta mostrar ao marido as atitudes transgressoras da personagem Clara que precisam ser repreendidas, conforme podemos constatar no seguinte trecho:

Trancou-se com o filho no gabinete. Perguntou:

— Sabe por que eu vim aqui?

E ele, impressionado:

— Por quê?

D. Margarida respirou fundo:

— Vim lhe perguntar o seguinte: você é cego ou perdeu a vergonha?

Não esperava por esse ataque frontal. Ergueu-se, desconcertado: “Mas como?”.

Apesar dos seus achaques, que faziam de cada movimento uma dor, D. Margarida pôs-se de pé também. Prosseguiu implacável:

— Sua mulher anda fazendo os piores papéis. Ou você ignora? — E, já com os olhos turvos, uma vontade doida de chorar, interpelava-o: — Você é ou não é homem?

Foi sóbrio:

— Sou pai (RODRIGUES, 1992, p. 57).

Diante disso, podemos entender que a conduta autoritária de Dona Margarida contra Clara, representa uma aparente rejeição a essa mulher que Clara está se tornando. Dona Margarida apresenta-se na obra de forma simbólica como os olhos da sociedade sobre aquele casamento que estava fugindo das regras sociais. No conto, a sogra está representando toda uma sociedade conservadora que ia contra essa mulher que estava surgindo, e que colocava à tona a masculinidade do marido. Estamos diante de uma inversão de papéis, o marido precisou ouvir as mais severas palavras da mãe para que tomasse uma atitude quanto ao que a sua mulher vinha fazendo perante aos seus olhos, e mesmo sendo indagado quanto a sua masculinidade, ele interpela ao falar que é pai. A sociedade não esperava essa postura, até porque o papel masculino é representado pela agressividade, pelo machismo, pelo adultério, e o marido nesse conto demonstrava uma inversão desse papel, era o que cuidava da casa e da filha.

Para Zechlinsk (2007), o cuidado de si que Clara faz, é para satisfazer o seu próprio desejo de se embelezar para a revolta de sua sogra e também como resposta a negligência do seu marido no início do casamento, fazendo renascer nela a vontade de mudança. Ela sentiu-

se abandonada pelo marido, e viu sua atenção se redobrando com o nascimento da filha, ao ponto de deixá-la de lado mais uma vez. Isso provocou nela um comportamento contrário do que era esperado na época.

Esse comportamento de Clara demonstra uma insatisfação com a vida que estava levando, sua família já não lhe importava mais, e isto ocorreu devido ao comportamento do seu marido em plena lua-de-mel:

Quando chegou em casa, tarde, semi bêbado, Clara o interpelou: “Que papelão, sim senhor!”. Ele podia ter posto panos quentes, mas o álcool o enfurecia. Respondeu mal; e ela, numa desilusão ingênua e patética, o acusava: “Imagine! Fazer isso em plena lua-de-mel!”. A réplica foi grosseira:

— Que lua-de-mel? A nossa já acabou!

Durante três dias e três noites, Clara não fez outra coisa senão chorar. Argumentava: “Se ele fizesse isso mais tarde, vá lá. Mas agora...”. A verdade é que jamais foi a mesma. (RODRIGUES, 1992, p. 58).

A personagem demonstra que esperava que o marido tivesse esse comportamento um pouco mais adiante, até por que o adultério masculino era algo natural naquele período, e fora ensinada a se comportar de forma submissa diante de tais traições. No entanto, não imaginaria que isso aconteceria logo na lua de mel. Nesse sentido, a nova conduta de Clara passa a fugir do condicionamento, que atingia as mulheres da década de 50. A conduta dessas mulheres deveria ser livre de desejos e inquestionáveis quanto a sua moral, sem nenhum resquício de sexualidade, para mostrar sua pureza à sociedade. Clara, então, deixa surgir uma nova mulher com um comportamento contraditório.

Encontramos nos contos de Nelson Rodrigues uma mulher com comportamento antiético e imoral, o oposto ao que a ela era definido na sociedade da época. Esse era o intuito da obra de Nelson Rodrigues, chocar e causar espanto em seu público burguês, brasileiro e cristão, queria mostrar o oculto, o reprimido, seu desejo era mostrar a outra face da mulher, o realismo, com todas as suas insatisfações antes encobertas. Pois situações como aquelas eram corriqueiras na época, mas o véu do patriarcalismo e da religião cuidavam em esconder.

A citação seguinte nos mostra como Clara foge do condicionamento imposto pela sociedade às mulheres, principalmente casadas e mães:

Quando Mirna fez oito anos, ele recebeu uma carta anônima em termos jocosos: “Abre o olho, rapaz!”. Pela primeira vez, caiu em si. Começou a observar a mulher.

Mãe displicente, vivia em tudo que era festa, exibindo seus vestidos, seus decotes, seus belos ombros nus. Um dia, chamou a mulher: “Você precisa selecionar mais suas amizades...”.

Clara, limando as unhas, respondeu: “Vê se não dá palpite, sim? Sou dona do meu nariz!”. Desconcertado, quis insistir. Ela, porém, gritou: “Você nunca me ligou!”. (RODRIGUES, 1992, p. 58-59).

Numa sociedade autoritária e patriarcal, lermos uma literatura que apresente uma mulher com características que só eram conotadas nos homens, que saísse para festas, usasse roupas que exibisse seu corpo sem pudor algum, que se preocupasse com sua beleza exageradamente, que não mantivesse nenhum tipo de respeito com seu cônjuge, demonstrava ser uma mulher ao inverso da que era descrita na década de 50. As atitudes de Clara eram comuns aos homens desse período, esse perfil feminino demonstra uma mulher independente, e que buscava uma liberdade do que a sociedade tinha imposto para sua vida. Encontramos uma inversão dos papéis de gênero, o que era definido apenas da natureza masculina, estava sendo vivido por uma mulher.

A vergonha da família perante a sociedade era gerada pela transgressão do papel social feminino devido ao comportamento inadequado da mulher. Nesse conto, o drama acontece pelos fatores que envolvem as mulheres. A mãe precisa cobrar uma atitude de Aderbal, que se mostra sem nenhuma reação. A esposa o desacata, apresentando todas suas traições num momento de briga do casal. Após, ele demonstra-se fraco ao achar que necessita da “permissão” da filha, para resolver o mau comportamento de sua esposa. É através das vozes dessas três mulheres, desses discursos tentando induzir o homem a tomar o controle da situação, remetendo à cobrança de um comportamento masculino que interessava para a manutenção da honra de toda a família, não somente a dele, que Aderbal toma uma atitude.

[...] Falou baixo, mas, pela primeira vez, disse tudo. Assombrado, diante dessa maldade que irrompia, sem pretexto, gratuita e terrível — ele se limitava: “Por que você diz isso? Por quê?”. Queria interrompê-la: “Cale-se! Cale-se! Eu não lhe perguntei nada! Eu não quero saber!”. Mas a própria Clara não se continha mais [...] Ao todo, dezessete! Compreendeu? Dezessete! Então, desfigurado, ele disse: — Só não te mato agora mesmo porque minha filha gosta de ti! Disse isso e saiu do quarto.

A FILHA

Dez minutos depois, de braços no divã, ele chorava, no seu ódio impotente. E, súbito, sente que uma mão pousa na sua cabeça. Vira-se, rápido. Era a filha [...]. Então, meiga como nunca, solidária como nunca, Mirna disse: “Eu ouvi tudo. Sei de tudo”. Lenta e grave, continuou: — Eu não gosto de minha mãe. Deixei de gostar de minha mãe. Ele pareceu meditar, como se procurasse o sentido misterioso dessas palavras. Levantou-se, então. Foi a um móvel e apanhou o revólver na gaveta. Subiu, sem pressa. Diante do espelho, Clara espremia espinhas. Ao ver o marido, pôs-se a rir. Boa, normal, afável com os demais, só era cruel com aquele homem que deixara de amar. Seu riso esganiçado e terrível foi outra maldade desnecessária. Então, Aderbal aproximou-se. Atirou duas vezes no meio do decote. (RODRIGUES, 1992, p. 60-61).

A morte da personagem é vista como uma punição por seu mau comportamento, como mãe e esposa, e pela sua busca por prazer pessoal. A esposa casou-se apaixonada, mas frustrou-se logo nos primeiros 15 dias, com atitudes machistas do marido, o que causou em Clara uma revolta e uma insatisfação com o seu casamento. Cansada de ser desvalorizada e sentindo que não tinha mais nada a perder, a personagem resolve abandonar seu papel de “rainha do lar”, passou a levar uma vida frívola, e torna-se uma mãe displicente, que vivia em festas, exibindo seu corpo, buscando apenas o seu prazer pessoal. O que se tornou o ápice para o marido tomar uma atitude condizente a sua identidade social, onde o adultério feminino deveria ser punido, e o final trágico talvez demonstrasse como as mulheres deveriam ser castigadas caso fugissem de sua conduta social.

Clara foi atingida com dois tiros no peito, o que nos permite refletir que o marido atingiu essa parte do seu corpo duas vezes seguidas, como se tratasse de uma simbologia, no lugar do coração e no meio do decote por seu não cumprimento de papel materno e o outro por sua sensualidade desregrada. Foi uma forma do marido reestabelecer seu papel dentro da sociedade, matou-a atingindo o que a fez fugir de seu destino de mãe e esposa, mostrou para outras mulheres que assim seria seu final também, trágico, caso fizessem o mesmo que Clara fez.

Assim, nos contos de Nelson Rodrigues a mulher passa a adquirir novas possibilidades de vivências a partir das novas oportunidades que começavam a surgir com a inserção dessa sociedade na economia do consumo e do capitalismo. O autor mostrava uma sociedade com desgastes e com novos paradigmas para as relações familiares e amorosas, o que chocou na época e revelaram as mazelas, ainda presentes na sociedade contemporânea. Nelson revelou as máscaras sociais existentes e, mais do que isso, mostrou a outra face da mulher.

O autor ao escrever sobre a família da década de 50 apresenta seus “defeitos”, todos os problemas que aconteciam dentro das famílias da época, mas que a sociedade insistia em esconder para que a imagem da família tradicional se mantivesse sem nenhuma mancha. Clara foi mais uma das mulheres que não aceitava o que a sociedade impunha e decidiu realizar-se pessoalmente, mesmo sabendo que suas atitudes poderiam gerar consequências severas, ela arriscou-se e acreditou na fraqueza do seu marido. Acabou perdendo sua vida como consequência por querer apenas libertar-se daquela vida apagada. É onde vemos a desigualdade de gênero, tão recorrente, uma mulher querendo apenas viver, buscando sua felicidade, sua satisfação. Quantas mulheres precisaram sofrer consequências pelo fato dessa desigualdade ter sido instaurada há tanto tempo, e há tanto tempo vir acompanhando a sociedade.

4. A PAIXÃO AVASSALADORA E INCONTROLÁVEL: O RENASCIMENTO DA PERSONAGEM GLORINHA NO CONTO *MARIDO SANGUINÁRIO*

Com o passar do tempo, a mulher começa a conseguir seu espaço, o que antes era totalmente inexistente. A relação do matrimônio entre homem e mulher mudou, mas o vínculo entre a mulher e o lar continuava a existir. Nos contos de Nelson já vemos personagens adúlteras, as quais eram inexistentes aparentemente na sociedade patriarcal.

A autora Zechlinsky (2007) destaca a transgressão que estava acontecendo sobre o perfil das mulheres na década de 50:

No imaginário social, existiam as mulheres “sérias”, que se comportavam de acordo com as normas, isto é, mantinham-se virgens até o casamento e fiéis aos maridos após o casamento; e aquelas que não eram sérias, as “levianas” e as adúlteras – mulheres que transgrediam as normas e enganavam os homens. Os comportamentos desviantes colocavam em dúvida o poder e a dominação masculina, de forma que as mulheres transgressoras precisavam arcar com a recriminação e a estereotipagem social (...). (ZECHLINSKY, 2007, p. 10).

Começaremos a entender esse perfil da mulher, com o conto *Marido sanguinário*, que apresenta a personagem Glorinha, casada há cinco anos, aparentemente fiel ao seu marido, uma esposa que era contra qualquer tipo de comportamento que fugisse às regras sociais. No entanto, no início da narrativa, conversa com um homem ao telefone, que aparentemente o conhecia há tempo e, possivelmente, tem algum tipo de intimidade:

No telefone, Glorinha dramatizou: — Eu vou, ouviu? Eu vou, mas uma coisa eu quero que tu saibas: eu nunca traí o meu marido, nunca. É a primeira vez. Te juro pela vida dos meus dois filhos! Do outro lado da linha, Eurilo admitia: — “Eu sei, meu anjo, claro. Nunca duvidei de ti. (RODRIGUES, 1992, p. 66).

Glorinha, no início do conto, já demonstra sua repulsa pelo adultério: “Desde que se casara, há cinco anos, jamais se permitira um olhar, um sorriso, que pudesse justificar uma dúvida, uma suspeita. Nas suas conversas com amigas, vizinhas, era taxativa: achava a infidelidade “o fim” (RODRIGUES, 1992, p. 66). Mas ao conhecer Eurilo numa fila de ônibus, despertou nela um sentimento incontrolável, que ela mesma não reconhecera, nunca teria sentido algo parecido, aquele homem a atraía tanto que não conseguia parar de pensar nele. Sabendo disso, o amante a convence de um encontro incitando-a a viver os seus sentimentos por ele:

“Isola!”. Falava, porém, da boca para fora. No fundo, a ideia produzia nela um deslumbramento absoluto. Ele insistiu um dia, dois, três; dizia: — “Olha, é um apartamento num edifício residencial, cheio de crianças”. Sugeriu a fórmula: — “Você entra e sai sozinha”. Objetou: — “E meu marido?”. Ele teve um protesto: — “Você só pensa no seu marido e em mim não, Parei contigo”. Glorinha soluçou no telefone: — Vou, pronto. Não é isso que você quer? Vou.” (RODRIGUES, 1992, p. 67).

Encantada com aquele sentimento que nunca tinha sentido antes, coberta por uma idealização do homem perfeito que conseguira arrancar suspiros seus, ao ponto de nem ao menos se importar com sua postura de mulher casada, nem como seu marido reagiria diante da situação, Glorinha vai ao encontro marcado, “Entre um beijo e outro, num delírio de carinho, confessou: — “Quando te vi, na fila de ônibus, eu senti que não amava meu marido, que não conhecia o amor”. Passaram toda a tarde numa felicidade de novela” (RODRIGUES, 1992, p. 67). Cabe ressaltar, que a mulher casada além de ter que seguir uma conduta exemplar, casava-se com a função de procriar, não podendo expor sua sexualidade e desejos. Nesse aspecto, a personagem em questão, talvez, veja nesse homem, a princípio, romântico e carinhoso, uma possibilidade de se realizar amorosamente e sexualmente.

Ao encontrar com outro homem, e ver seus desejos aflorando, ela percebe que não amava o marido, e foi condicionada a viver esse casamento, era o seu destino de mulher e ela não poderia fugir dele. Mas, Eurilo desperta em Glorinha o desejo de viver o proibido, de concretizar todas as suas vontades reprimidas. O adultério, na perspectiva feminina, torna-se uma sensação nunca experimentada pela mulher, talvez, de libertação (pessoal e sexual), pois fora condicionada a viver recatada e leal ao esposo, por isso, viviam insatisfeitas.

Quanto ao marido, Glorinha descreve-o para Eurilo, como um homem ignorante, “uma fera”, capaz de matar a tiros se descobrisse o relacionamento extraconjugal, o amante cauteloso, começa a preocupar-se: “Esse marido desconhecido e sanguinário o impediu de dormir direito. Na manhã seguinte, no escritório, desabafa com o Miranda: — “Imagina tu: — eu, caçado a tiro, como um passarinho”. A imagem do passarinho não lhe saía da cabeça.” (RODRIGUES, 1992, p. 68).

O amante por seguinte, cheio de medo, mas também de desejos por aquela mulher, se preocupa com o seu fim diante de toda aquela situação, mas ao mesmo tempo se ver cheio de desejos por Glorinha, o que faz ainda encontrar-se com ela algumas vezes. Logo mais, ele percebe que as atitudes daquela mulher estão cada vez mais próximas de levar o marido a descobrir o adultério.

Glorinha, aninhada nos seus braços, suspira: — “Gosto tanto de ti, que se meu marido quiser me beijar eu não deixo, compreendeu? Não deixo”. Ele não entendeu: — “Não deixa como? Não é teu marido?”. Falou: — Não me interessa se é meu marido. O fato é que eu não traio você nem com meu marido! (RODRIGUES, 1992, p. 69).

Conforme o texto explicitado, a personagem encontra-se num estado de paixão incontrolável, em que sua preocupação não é mais ser infiel ao marido e sim ao amante. Aquele homem despertou em Glorinha um comportamento desviante, o perfil de mulher patriarcal oscilava com um novo perfil de mulher transgressora, no entanto, parece que ela transpõe para o amante, características de submissão. Nesse sentido, a personagem pode não ser considerada tão transgressora a ponto de emancipar-se, talvez, esteja apenas buscando “um amor de novela”, romântico e leal.

Seguindo a narrativa, o narrador expõe:

O pior aconteceu, três ou quatro dias depois. Glorinha chega e anuncia: — “Deuse a melódia!”. Eurilo ergueu-se, em câmera lenta: — “Como?”. A pequena resume: — Eu sou mulher de um homem só. Te avisei, não avisei? Que não admitia sociedade? Pois é. Deixei uma carta para meu marido, contando tudinho, e vim pra ficar. Estupefato, Eurilo, que estava sentado, ergueu-se: — “Contou tudo como? Você está louca? Bebeu? Quer que teu marido me dê um tiro? Fala! Queres?”. Estendia as mãos crispadas para Glorinha; e tinha, no seu pavor, um esgar de choro. Ela fez espírito: — “Mas não é possível! Você está com medo?”. Eurilo teve a confissão heroica: — Claro! Estou com medo, sim! Medo! Tu sabes o que é medo, sabes? — Sentou-se, tiritando: — Vou morrer, meu Deus! Vou levar um tiro! (RODRIGUES, 1992, p. 69).

A covardia do amante diante da situação traz para Glorinha um sentimento de arrependimento por cometer o adultério, sua paixão avassaladora a fez abandonar seu lar, seu marido, e corromper sua conduta. Volta para casa, no entanto, o marido a devolve para o amante.

Passava os minutos, as horas, implorando à menina: — “Volta pra teu marido! Volta!”. Glorinha resistia a princípio, com medo de represálias. Mas cansou-se de ver aquela covardia pululante: — “Você não é homem, nem nada!”. Acabou voltando para o lar. Levava, na alma, o tédio, o enjôo, o nojo do pecado. Mas o marido, ao vê-la, esbravejou: — Ah, ele te mandou de volta? Mandou? Cachorro! Quarenta minutos depois, o marido entrava no apartamento do Eurilo, levando a mulher pela mão. Eurilo encostou-se à parede, chorando. O fulano espetou-lhe o dedo na cara: — Não aceito devolução! Ou tu ficas com minha mulher, ou eu te dou um tiro na boca. Escolhe! (RODRIGUES, 1992, p. 69).

Glorinha nesse conto após cometer o adultério, é quase obrigada por Eurilo para voltar para seu marido, como se o que ele desejasse não passasse apenas de um momento de realização sexual. Glorinha volta cheia de tédio e desilusão para o marido, com nojo do que havia cometido, sabia o quanto suas atitudes causariam repulsa na sociedade, tornara-se um “objeto” que não tem mais valor. Chegando de volta ao seu lar o marido leva-a de volta para casa do amante, e a forma de castigá-la pelo que causou é tratar-lhe como “uma” qualquer, dando a mesma uma única escolha, a de viver com o homem fraco a quem decidiu jogar fora sua postura de “mulher idealizada”. Mais uma vez a mulher foi obrigada a sofrer consequências por querer libertar-se, ao ir realizar seus desejos pessoais e sexuais com o seu amante, ela deslumbrou-se ao imaginar como seria sua vida ao seu lado e não quis mais voltar para o marido. Mas ao ver o quanto Eurilo era fraco, pois não queria ela como mulher, e sim como um passatempo, e insistia a todo o momento para ela voltar para o seu marido, Glorinha volta para casa, e lá é que ela é desmoralizada como mulher, é tratada como um objeto sem nenhum valor, e devolvida para o amante sem nenhum sentimento de culpa pelo marido, ele desejava se livrar daquela “vergonha” que a mulher causara em si.

De acordo com Zechlinski (2007), o importante, porém, não são as traições (consumadas ou não), mas os desejos, em especial os desejos femininos, tão silenciados e tão temidos. Num silêncio profundo que a mulher durante muito tempo teve que permanecer. Esses desejos exacerbados culminam com os finais ora trágicos, que tendem a associar a transgressão do comportamento da esposa com o seu papel materno; ora cômicos, como consequências dos seus atos.

Sabemos que, segundo Louro (1997), gênero pode ser considerado como as identidades sociais de cada sujeito. Homens e mulheres apresentam as características de cada gênero, dos homens esperam-se atitudes de poder, dominação, masculinidade, enquanto que das mulheres, submissão, passividade, pureza entre outras características. Encontramos nesses

dois contos mulheres com condutas comportamentais regradas de insatisfação e de desejos sexuais e pessoais, que ao final levaram ao adultério. Algumas atitudes independentes dessas mulheres, no início das narrativas levam-nos a sentir que haverá uma emancipação feminina, mas ao final dos contos, vemos que as mulheres não passaram de objetos, e não tiveram mais do que a sociedade esperava, um fim trágico recorrente de sua conduta transgressora. Por esses contos ter como narrador um homem, também não deveríamos esperar que o final dado a essas mulheres fosse diferente, o público leitor da época por ser masculino, não esperava que um homem ao escrever sobre as mulheres dessem a essas um final feliz por fugir das regras sociais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse artigo foi analisar as representações do feminino na década de 50, caracterizada como “anos dourados”, com o intuito de mostrar especificamente as mulheres de dois contos de Nelson Rodrigues, *O decote* e *Marido sanguinário*.

Refletimos acerca dos aspectos transgressores dessas mulheres, abandonando o ideal patriarcal e observamos em que sentido apresenta uma emancipação do seu papel em sociedade no que se refere à questão de gênero.

Mesmo com personagens femininas tão cheias de desejos, a obra de Nelson Rodrigues ainda revela traços de um sistema social regido pelo patriarcado, em que a imagem do homem se sobrepõe à mulher, oprimindo-a e diminuindo-a nos mais diferentes âmbitos, do particular ao coletivo. Observamos os diversos atravessamentos no cotidiano que influenciaram na tentativa de construir a imagem de uma nova mulher, emancipada, liberta e ativa na sociedade, mas infelizmente essa tentativa é frustrada no momento que o narrador puniu-as por essas suas atitudes independentes.

Nelson Rodrigues constrói uma mulher multifacetada em suas obras, sua visão de mulher era embasada em estereótipos sociais bem populares e conhecida como santas e putas, moça de família e adúltera, pura e devassa, e que sempre levavam a trama para o inesperado, pois as mulheres sempre se rendem, em determinado momento, aos desejos mais reprimidos, guardados no seu íntimo. Este é um dos pontos principais da maioria de suas obras: os desejos femininos se rebelando contra as imposições estabelecidas pelo matrimônio ou pela sociedade patriarcal. Sendo que o autor não passa para o leitor que ao se rebelar essas mulheres estão conseguindo se emancipar, ele acredita que essa transgressão seria algo comum ao sexo feminino, seriam as mulheres com perfis levianos e infiéis, que não nasceram para cumprirem seu papel, que mancham a imagem das famílias tradicionais com seu instinto pecador.

Utilizando como fonte de observação as obras de Nelson Rodrigues podemos notar o quanto “a dominação masculina” estava sendo confrontada através de comportamentos desviantes e valores morais ameaçados decorrentes da industrialização. Os discursos vinculados às obras literárias que surgiam na época apontavam para uma nova fase de dissolução da hierarquia de poder existente entre o homem e a mulher. Esse novo ambiente de industrialização, modernização e individualização, que surgia redefinia os papéis sociais, gerando conflitos em torno do ambiente familiar e sobre as relações de gênero e normas de conduta existente na sociedade patriarcal.

A independência feminina se tornava um ameaça para a o papel do homem no ambiente familiar e público, mesmo após vários movimentos feministas estarem surgindo na década de 50, o adultério ainda era associado à esfera da vergonha, tratando-se de um escândalo social quando associado às mulheres, enquanto que para os homens era considerado um comportamento, normal e natural ao seu instinto. Nelson escancarou esses desvios

comportamentais das mulheres à sociedade, a “rainha do lar” antes pura, doce, e com instinto materno, toma outro perfil na literatura desse autor, ele revela para a sociedade o quanto essas mulheres são pecadoras, e o quanto sofrem por tomarem escolhas indevidas quanto ao seu destino. O perfil feminino desviante levava a mulher a um final trágico, causando no público feminino desses contos um temor para não terem nenhum tipo de desvio de conduta. Esse novo perfil feminino causa nos leitores uma quebra do que a sociedade patriarcal regia, onde o homem tinha o poder de cometer o adultério e a mulher deveria ser submissa a tal atitude sem questionar. Esse choque de inversão de papéis causa na sociedade um cenário de transgressões e desníveis no âmbito familiar.

A partir dos problemas levantados podemos evidenciar que mesmo a década de 50 aparentando uma evolução no que se refere à questão feminina, ainda reverberava pela sociedade os ideais patriarcais que ditavam as normas de submissão e recato para a mulher. No entanto, algumas obras literárias do período cuidavam em retratar esse perfil que vinha surgindo nos apresentando uma mulher mais autêntica. Apesar da representação feminina se realizar sob a autoria masculina, como no caso das obras de Nelson Rodrigues, de certa forma, o fato de se fazer presente nessas narrativas sem as amarras do patriarcado configura um avanço quanto ao tratamento da mulher no meio repressor e machista que vivia. Deram qualquer forma, o público leitor avaliou essas obras e tirou juízos de valores que perpetuou novas imagens dessa mulher que adentrava o espaço público.

Quanto à segunda questão evidenciamos que a personagem Clara a partir do desprezo do marido em plena lua de mel, deseja ter uma vida diferente, uma fuga do destino que a ela foi traçado. Por isso que a mulher enquanto mãe, esposa e dona do lar, cede lugar a um ser dominador, uma mulher ativa que quebra todos os paradigmas de imposição social, preocupando-se apenas com o seu bem estar, enquanto o marido torna-se dominado e submisso às atitudes dela.

Glorinha impulsionada por um discurso em que as mulheres jamais poderiam cometer o adultério encontra na rua a vontade de viver o não vivido dentro do seu casamento, a paixão fervorosa. Assim como o conto anterior, neste também é proposto um “castigo” ou “ensinamento” bem aos moldes românticos, se a mulher por ventura ousasse trair o esposo deveria ser punida. Parece ser isso que os contos evidenciam, pois ambas as personagens que analisamos terminam de forma bastante incômoda. A primeira é morta e a segunda devolvida ao amante, humilhada por dois homens machistas. Diante disso, nos questionamos será que realmente podemos pensar sob um viés positivo a representação dessas mulheres a partir das obras de Nelson Rodrigues no que concerne à questão de gênero? Em partes sim, pois mesmo diante do final trágico das personagens, os contos nos mostraram outra face da mulher, antes submissa, pouco vista, agora vemos surgir mulheres que buscavam a liberdade, seja na voz, na personalidade, na roupa, nos sentimentos. Essas características enunciam a nova mulher buscando emancipação e igualdade quanto aos papéis de gênero. Ainda refletindo sobre essa questão, evidenciamos que por se tratar de uma época ainda difícil para a mulher se impor a partir de suas vontades e desejos, não há uma emancipação total da personagem, já que esse fato não correspondia à realidade da época. Apesar de estarmos diante de um escrito de autoria masculina e de um final de narrativa machista, podemos dizer que há uma tentativa de evidenciar uma igualdade de gêneros, pelo menos na questão da representação da mulher no espaço público (dona de suas vontades) e na sexualidade.

REFERÊNCIAS

- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mary Del. (org.). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015, pp.607-639.
- BOFF, Maria Luiza Ramos. **Nelson Rodrigues: a mulher em três planos**. 1991. 259 f. Dissertação (Mestrado em Letras- área de Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BRANCO, Lucia Castello; BRANDÃO, Ruth Silviano. **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2004.
- CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.
- CONGRESSO MUNDOS DE MULHERES E FAZENDO GÊNERO,13; SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 11., 2017, Florianópolis. **Anais**. [...]. Florianópolis: UFSC, 2017, ISSN 2179-510X. Tema: 13º Mundo de Mulheres e Fazendo Gênero: transformações, conexões, deslocamentos. BARROS, Ana Paula Oliveira. A construção da imagem da mulher por meio do discurso masculino: uma análise a partir das relações de gênero e poder. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/wwc2017/>. Acesso em: 23 ago. 2018.
- CORRÊA, Mariza. O sexo da dominação. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 54, p. 43-53, jul. 1999.
- DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla Bassanezi. (Orgs). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- FONTES, Bruna. **Ser mulher: a representação feminina de Nelson Rodrigues e uma leitura da mídia contemporânea**. 2017.141f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2017.
- GUBERNIKOFF, Giselle. **Cinema, identidade e feminismo**. São Paulo: Editora Pontocom, 2016.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- PERROT, Michelle **Minha história das mulheres**. Tradução: Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.
- SAFFIOTI, Heleieth L. B. **A mulher na sociedade de classes**. 3 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SACRAMENTO, Sandra Maria P. do; CARDOSO, Shirley Pereira. **Do periódico ao literário:** da efemeridade à permanência em *A vida como ela é*. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 103-112, out./dez. 2011.

SEIBT, Rosana Trevisol. **O Trágico e o Moral em Nelson Rodrigues**. 1998. Dissertação (Mestrado em Literatura). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

WALDMAN, Berta. **O império das paixões:** Uma leitura dos romances-folhetins de Nelson Rodrigues. *Revista de Extremadura*, nº 11. Espanha, Mayo-Agosto 1993.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. **Imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues: um estudo das representações de gênero na literatura publicada em jornal entre 1944 e 1961**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. Disponível em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/handle/1884/5749>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

AGRADECIMENTOS

A Deus o Senhor de todas as coisas, por todo cuidado, e por estar comigo nas horas mais difíceis me mostrando o quanto sou capaz. Tudo posso em Ti meu Senhor.

À minha mãe Maria de Lourdes, a mulher mais forte que já conheci até hoje, uma guerreira que sempre lutou pelo melhor para mim e para minha família, que chorou junto comigo nos momentos de aflição e persistiu para que eu conseguisse meu diploma, o seu amor foi combustível para chegar até aqui.

Ao meu pai Sival, por sonhar e me incentivar diariamente para realização desse sonho, e por diversas vezes deixar o que estava fazendo e me levar para Universidade, seu esforço valeu a pena.

Ao meu irmão Sanielson pelo apoio, carinho e preocupação.

À minha filha Alícia que logo após um tempo afastada da Universidade, e quase acreditando que não realizaria esse sonho, me mostrou que eu preciso dar esse exemplo e orgulho para ela também.

Ao meu companheiro Adriano por toda paciência e amor durante toda essa caminhada.

Ao meu avô Antônio Batista (*in memoriam*), suas palavras me fizeram chegar até aqui, esse sonho também era dele.

Aos amigos e familiares que também me incentivaram e acreditaram em mim e que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até o final.

A minha turma pelos momentos compartilhados, em especial a minha amiga Mônica Monteiro, a qual a amizade e companheirismo perpassaram as paredes da Universidade, e por diversas vezes fomos apoio uma da outra nos momentos em que desistir era o que vinha em mente, nossa amizade foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

Agradeço em especial a minha orientadora Simone Alves, por ser tão paciente, por confiar em mim e por toda sua dedicação. Obrigada pelas contribuições na minha vida acadêmica e por toda sua atenção. Ao longo desse caminho juntas, percebi sua força e determinação em tudo que faz, e isso me fez admirá-la mais ainda.

Aos professores Marcelo e Adriana por aceitarem fazer parte da banca, não posso também deixar de agradecer-los pelos conhecimentos que obtive enquanto aluna dos mesmos, tanto na vida acadêmica quanto pessoal, vocês são exemplos de que: “Não importa de onde saímos... o que importa é onde queremos chegar”.

A todos os demais professores, e todos que compõe o campus VI.

Gratidão.